

Guarda Indígena, uma barreira contra o coronavírus em Putumayo

Via [El Espectador](#)

Como defensores da vida e do território, a Guarda Indígena de Putumayo se organizou assim que a pandemia chegou à Colômbia para impedir a passagem do coronavírus para suas comunidades. Durante meses eles guardaram seus territórios, reservas, anciãos e anciãs, guardiões de costumes e conhecimentos ancestrais, para evitar a ameaça de uma doença que poderia acabar com eles.

Há algumas semanas visitei os resguardos de várias comunidades indígenas em Putumayo com um grupo de pessoas de Bogotá. Nos sete dias de caminhada, uma das coisas que mais me impressionou foi a organização e o trabalho da Guarda Indígena. Eles foram os primeiros a chegar e os últimos a partir. Eles estavam encarregados de tudo. Para cuidar das pessoas de fora, para proteger as comunidades e o território.

Segundos antes de cair no chão por qualquer passo ruim – devido à pouca experiência de caminhar entre montanhas e selva – o braço de um deles parece nos apoiar. Eles iriam em frente, consertando o caminho nos lugares difíceis e, por último, impedindo que alguém se perdesse. Eles distribuía água e alimentos, cuidavam dos protocolos de desinfecção, certificavam-se de que estávamos todos bem, nos ajudavam com bagagem extra e, em alguma travessia de rio, levavam mais de uma pessoa que não queria molhar as meias. Eles andavam rápido, mas com firmeza, conheciam suas terras.

Eles contaram que, desde a avalanche de Mocoa, causada pelas fortes chuvas e o transbordamento de vários rios entre a noite de 31 de março e a madrugada de 1º de abril de 2017, eles não

tiveram que convocar maciçamente seus membros para uma reunião de emergência. “Naquela época, prestamos primeiros socorros, cuidamos do resgate dos corpos e da recolocação dos que ficaram em risco. Nossa sede tornou-se um abrigo temporário, onde pudemos atender até 800 pessoas afetadas. Também se tornou um armazém para receber ajuda e doações, e uma cozinha comunitária”, lembra Luis Jansasoy, coordenador da Cuidadores de la Madre Tierra, uma Guarda Indígena do departamento de Putumayo.

Em 6 de março de 2020, quando o primeiro caso de coronavírus foi confirmado no país, veio mais uma vez a chamada de emergência para convocá-los, mas agora em face de uma doença completamente desconhecida. Eles recorreram às suas tradições, organização, disciplina, resistência e medicina tradicional para enfrentar um dos mais estranhos vírus que afetou o planeta. Com seu bastão de caminhada, seu lenço e novos acessórios de biossegurança, como uma máscara facial, sem esperar a chegada da ajuda prometida pelo governo nacional (que eles nunca viram), eles decidiram tomar suas próprias medidas para se proteger. “Além da prevenção de desastres, passamos a ajudar na prevenção do contágio da COVID-19. Trabalhamos para impedir que o vírus entrasse em nosso departamento e em nossas comunidades tão cedo”, explica Jansasoy.

“Nós nos organizamos para proteger o departamento. Não apenas os indígenas, mas todo o povo e os camponeses, porque sempre vimos nas notícias que a pandemia era um assunto muito delicado”, diz Jaime Jojoa, governador da reserva Inga Calentura em Puerto Guzmán, que estava apoiando o processo a partir do município de Villagarzón. Como eles, milhares de guardas indígenas de todo o país, desde os Guajira até a Amazônia, estiveram na linha de frente para proteger seus territórios dia e noite.

Entre a Cordilheira dos Andes e o início da selva amazônica está o Vale Sibundoy, a capital cultural de Putumayo, berço

dos índios Inga e Kamëntsa, e um dos territórios de fronteira entre a Amazônia e o interior do país. Chegar lá pode ser uma das proezas mais difíceis, mesmo para os motoristas mais experientes. O único caminho possível é através do “trampolim da morte”, uma das estradas mais perigosas da Colômbia. Quilômetros de curvas em um caminho de apenas três metros de largura, com rochas, abismos e neblina densa, constantes deslizamentos de terra e chuvas, por onde passam carros, ônibus e caminhões em ambas as direções.

É a única estrada que liga Nariño e Putumayo, e é necessária para o abastecimento dos dois departamentos. Embora seja um território de difícil acesso, o coronavírus, mais conhecido como bacna tsoca pelos Kamëntsa e Inga, que habitam este território há milhares de anos, chegou à área.

“O bacna tsoca tem sido um enorme desafio. Não apenas para nossas comunidades, mas para o mundo inteiro”, diz Sirley Jacanamejoy, uma mulher Kamëntsa e guarda indígena. “Tendo encontrado, uma doença tão grande e perigosa, nos fez sentar e pensar no que iríamos fazer para mitigar, defender e cuidar de nós mesmos”. No início da pandemia, o departamento de Putumayo tinha apenas 10 leitos de UTI para mais de 340.000 habitantes.

“Quando a pandemia começou, estava em todos os noticiários que um vírus mortal tinha chegado e que ia acabar com todas as comunidades. E pessoas de Bogotá, de Pitalito, de Neiva, de todos os lugares desceram para Putumayo”, diz Luisa Chindoy, também uma Kamëntsa. “Vimos isso como algo aterrador dentro do território, uma ameaça que subitamente disparou e foi tão letal que começamos a nos perguntar: ‘O que vamos fazer? Como vamos trabalhar física e espiritualmente para enfrentá-la?’

Um dos primeiros passos foi lembrar o caminho percorrido por seus antepassados. “Graças ao processo histórico de organização que nossos anciãos Inga e Kamentsá fizeram, conseguimos nos organizar aqui no Vale do Sibundoy”, diz Sirley. “Nossos anciãos lutaram para defender este território,

resistiram à evangelização e à colonização, e tudo isso nos faz querer seguir as sementes que eles deixaram para defender a terra, a vida e a existência deste território”, diz ele. “Com vários jovens, principalmente mulheres, decidimos continuar com este belo processo de salvaguarda, porque entendemos sua importância. E quando vimos a ameaça que de repente foi desencadeada e que poderia ser tão letal para a comunidade, decidimos começar a trabalhar do lado espiritual e nas ruas”, acrescenta Luisa Chindoy.

O passo seguinte foi controlar a entrada em suas comunidades. Transportando lenha, eucalipto, plantas medicinais, e acompanhados de suas roupas, sua cana e lenço, bem como alguns elementos de autocuidado e biossegurança, os Inyenëng Wasikamas (guardas indígenas Kamëntsa e Inga) foram localizados a partir de 25 de março de 2020 em vários pontos de controle em seu território. O objetivo era criar cordões de proteção que lhes permitissem salvaguardar as vidas daqueles que vivem no departamento de Putumayo.

Eles se tornaram voluntários dia e noite, por mais de dois meses, em vários postos de controle como Cascajo (estrada nacional do Alto Putumayo), Chorlaví, Ponte do Rio Caquetá, Santiago, Ponte Internacional em Santana e Puerto Asís. Eles monitoravam a entrada e saída dos veículos, eram responsáveis pela desinfecção e combinavam a limpeza física com uma que praticavam desde antes: a tradicional limpeza espiritual com incenso. Eles permitiam a entrada somente para veículos que transportassem alimentos, bens de primeira necessidade e ambulâncias. Eles enfrentaram os governos local, departamental e nacional porque entenderam que a luta contra a COVID-19 em um contexto como este só poderia depender de si mesmos.

“Tomar a decisão de ir para a estrada nacional foi uma experiência muito importante, tanto para mim como para todas as mulheres e camaradas que lá ficaram acordadas a noite toda, molhando-se, aprendendo. Foi algo que dissemos ‘vamos sair e fazê-lo’ porque estávamos muito preocupados com a situação”,

diz Sirley Jacanamejoy. “Havia muitos caminhões entrando. Muita gente entrava, porque o território era como um refúgio. Então dissemos: vamos parar com isso, ninguém vai passar por aqui”, acrescenta Luisa Chindoy.

Uma das jovens wasikama (guarda indígena em sua língua materna) que apoiou estes postos de controle por dois meses foi Sandra Tiandoy, do povo Inga. “No início estávamos muito nervosos porque sabíamos que poderíamos ser infectados, e não sabíamos como as pessoas reagiriam quando nos vissem lá. Foi uma experiência difícil, mas cuidar de nossos avós, suas histórias, nossas comunidades e nosso território foi o que nos motivou”, diz ela. “Com outro colega às vezes dobrávamos os turnos, estávamos lá durante o dia e à noite, e às vezes suportávamos o frio, o sol, a chuva... mas estávamos sempre lá apoiando o processo.

A alimentação, diz ela, foi uma das coisas mais difíceis durante as quarentenas, não só para sua comunidade, mas também para aqueles que viviam no vilarejo. É por isso que, como guardas, eles conceberam uma “troca pela vida”, para que ninguém na cidade ou no campo passasse fome. Eles levaram o que produziram nos campos de sua comunidade e o levaram para a cidade, onde o trocaram por alimentos da cesta familiar, tais como sal, pão, óleo ou arroz. Eles estavam divididos em vários grupos e, enquanto alguns estavam encarregados de percorrer o território para recolher alimentos e remédios, outros estavam fazendo pedagogia e dando informações, e outros permaneciam nos pontos de controle.

“Nossa inspiração é a Mãe Terra”, diz Luisa Chindoy. “Ela nos abriga todos os dias. Ela nos dá água, oxigênio, vento, calor, chuva, comida, tudo. É isso que nós mulheres somos, doadoras de vida. Esta doação de vida também está na partilha”, insiste ela.

Além da resistência física, foi acrescentado o fortalecimento espiritual, que historicamente lhes permitiu superar várias

ameaças. Os taitas, sábios e médicos tradicionais realizaram harmonizações espirituais e acompanhamento nos postos de controle “como forma de harmonizar o espírito para resistir e existir por milênios”, dizem eles. Tudo isso lhes permitiu resistir por muito mais tempo do que haviam planejado nas ruas. Eles foram por uma semana e permaneceram por mais de dois meses.

“Acredito que com o trabalho que fizemos, o departamento de Putumayo não pegou a doença tão rapidamente”. Mas quando saímos dos postos de controle, e todos voltaram para suas próprias reservas porque não recebemos o apoio que precisávamos das autoridades não indígenas, foi quando a pandemia chegou à capital de Putumayo”, diz Jaime Jojoy.

A estigmatização, a falta de reconhecimento e a falha do governo em fornecer equipamentos de segurança levaram o grupo de jovens guardiões a mudar a estratégia de cuidado: a minga de proteção agora seria feita de casa, das comunidades, e os controles de fronteira seriam levantados. Entretanto, eles deixaram uma coisa clara: “Não queremos que esta pandemia permita que outras ameaças históricas avancem enquanto os mais velhos e a comunidade são informados: fique em casa, não saia, cuide de si mesmo. Queremos saber o que está acontecendo com o território”, diz Sirley. “Aqui ainda há racismo, aqui ainda precisamos fortalecer e unir nossa comunidade, e é nestes desafios em nível organizacional, e defendendo nossa autonomia como povos indígenas, que continuaremos a trabalhar de agora em diante”.

A Guarda Indígena, que cuidou com dignidade dos territórios deste país abandonados pelas instituições, tornou-se um sistema de proteção cada vez mais organizado e mais povos, mulheres e homens, jovens e idosos, respeitosos de sua tradição milenar, que procuram promover sua própria justiça e respeito por seu território, estão se unindo a ele.

“Pouco a pouco fomos nos multiplicando”, diz o coordenador da

guarda da Putumayo, Luis Jansasoy, “Hoje, como zeladores da Mãe Terra, já temos uma formação, um símbolo, carregamos um bastão que é um símbolo de vida e de resistência milenar”. “Este guarda que nasceu e que começou a estar presente no território é muito completo. Porque conhecemos os primeiros socorros, resgate na selva, resgate na água, justiça e autogoverno, e ao mesmo tempo acompanhamos os cabildos, os resguardos e todas as comunidades”, diz o guarda Rusbel Falla.

Para Vanessa Torres, diretora adjunta da ONG Ambiente e Sociedade, “a guarda indígena assumiu o papel de proteção dos povos e também daqueles que visitam seus territórios, eles nos receberam com todo o carinho e dignidade que seu pessoal de comando lhes dá”. Ter a oportunidade de compartilhar com um homem ou mulher da guarda é sinônimo de aprendizagem e segurança”, diz ele.

Da mesma forma, ele assegura que aqueles de nós que vivem nas cidades têm o compromisso de se aproximar dessas formas de luta, que embora se tenham consolidado como um mecanismo de defesa no contexto do conflito armado, elas representam a luta dos povos indígenas da Colômbia. “É nossa responsabilidade nos informar e apoiar esses defensores do meio ambiente e da vida que viajam pelo território nacional com a sabedoria que seus povos lhes dão”, conclui ele.